

ATE' Amanhã

★★ de RUBEM BRAGA ★★

A 7/19/60
EMPREITADA

1232
A PETROBRÁS tem, creio, 53 sondas em funcionamento e é discutível se devia ter mais. Vimos, entretanto, que a sonda de um empreiteiro perfura mais metros que uma sonda da Petrobrás, e demos algumas explicações do fato. Devemos admitir de um modo geral, que há, no mundo, empresas especializadas em perfurar poços de petróleo cujo pessoal conta com um "know how" superior ao nosso, experiência mais larga e equipamento pelo menos igual. Que inconveniente pode haver em contratar a Petrobrás, por empreitada, o serviço de uma empresa dessas? Isso é o que costumam fazer as grandes companhias petrolíferas. Dados recentes mostram que nos Estados Unidos 92,7 por cento dos metros perfurados estão a cargo dessas pequenas empresas, que trabalham com 1 a 10 sondas; o serviço dessas empresas pequenas é contratado pelas grandes companhias. No Brasil os serviços de geofísica também são contratados com companhias estrangeiras, encarregando-se os técnicos da Petrobrás apenas da interpretação dos resultados. No caso da perfuração, a experiência que temos com o sr. Bentley, na Bahia, é boa, tanto que a Petrobrás deve, brevemente, fazer contrato idêntico com outro "perfurador" por empreitada.

Quando se trata de poços de desenvolvimentos — poços a serem abertos dentro de campos já em exploração, e não poços pioneiros — a conveniência do serviço feito por empreitada, pago por metro quadrado, parece ser indiscutível. Esse serviço é caro, mas também envolve riscos. O sistema permite diminuição de despesas gerais, evita uma série de sobrecargas. E tem a vantagem, que documentamos, de obter resultados mais rápidos.

Não creio, por isso, que se justifiquem as restrições que em certos círculos ainda são feitas a esse tipo de contrato. Claro que a Petrobrás deve continuar a ter suas próprias sondas trabalhadas pelas suas próprias equipes, mas isso não a impede de utilizar também, sempre e onde achar conveniente, o serviço de empreiteiros estrangeiros de perfuração. Eles criam um certo estímulo, pelo natural espírito de competição, e esse estímulo tende a diminuir, como já se verificou na Bahia, a diferença de produção entre a equipe estrangeira e a da Petrobrás. Está fora de dú-

vida — digo isso para evitar confusão entre esse tipo de contrato e um certo outro que ora se faz na Argentina, e equivale a uma concessão disfarçada — que o controle da Petrobrás continua perfeito sobre toda a operação e o monopólio estatal não sofre, nem de longe, a menor ameaça.

O engenheiro de uma companhia particular estrangeira chegou cedinho à sonda, e só apareceu o capataz. Onde estavam os homens? Tinham feito uma farra na véspera, quebrado cadeiras e garrafas num cabaré, estavam detidos. Que faria você se fosse engenheiro empregado de uma empresa estatal? Provavelmente, voltaria para o escritório e daria parte do sucedido à direção, para o departamento jurídico da empresa libertasse os homens ou ela contratasse outros. Que faria V. se estivesse ganhando por metro perfurado e corresse o risco de ter um grande prejuízo por causa daquela sonda paralisada? Faria, provavelmente, o que o engenheiro da empresa estrangeira fez no caso: pegou o jipe, foi até a delegacia, "conversou" o sargento, deixou mil e poucos cruzeiros para pagar os estragos do dono do cabaré, concordou em que um dos homens ficasse detido como responsável, e antes das dez da manhã já estava outra vez com a sonda trabalhando normalmente.

Não nego, antes afirmo e exalto, a competência e o devotamento dos engenheiros e, em geral, do pessoal da Petrobrás. Muitos deles trabalham, sem qualquer retribuição, fora de horas e dias de serviço: o fato é mesmo, comum, porque existe na Petro-



brás, principalmente entre o pessoal de campo e os chefes de serviço, um entusiasmo sincero, que vai até o espírito de sacrifício. Isto não é confete, é a verdade que todos que visitaram os serviços da Petrobrás sentiram e contaram. Mas não estou discutindo uma questão de moral, e sim uma questão prática. Na prática, a empreitada de serviços tem-se revelado mais eficiente, de resultados mais rápidos. E é de eficiência e rapidez que precisamos, porque cada dia do ano temos de importar ainda cerca de 160 mil barris de petróleo, e isto é uma sangria que urge diminuir até que possamos estancá-la.

7/19/60

148